

---

## Alice para falar de gênero: análise do emprego da personagem literária na série televisiva “Quem Sou Eu?”<sup>1</sup>

Andressa Thielly Machado Silveira da SILVA<sup>2</sup>  
Cassilda Golin COSTA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### RESUMO

Por meio do diálogo entre literatura e comunicação, este trabalho discorre acerca de gênero, sexualidade e adaptação tendo como objeto de pesquisa a série de reportagens especiais *Quem Sou Eu?*, produzida pelo programa dominical Fantástico e exibida pela Rede Globo no ano de 2017. O objetivo central é compreender como se deu a apropriação da personagem literária Alice, de Lewis Carroll, ao longo dos episódios. Além disso, buscamos fazer uma contraposição entre elementos narrativos da obra de Carroll e o produto audiovisual, destacando aspectos que se assemelham e os que se diferenciam. Outro aspecto que identificamos é o uso da personagem literária como recurso metafórico para abordar o tema da transgeneridade.

**PALAVRAS-CHAVE:** adaptação; Alice no País das Maravilhas; telejornalismo; literatura; transgeneridade.

### Considerações iniciais

Este artigo<sup>4</sup> visa estabelecer um diálogo entre comunicação e literatura, abrangendo questões como gênero, sexualidade e adaptação. Sobretudo, destacamos a apropriação literária da personagem Alice – de *Alice no País das Maravilhas*, criada por Lewis Carroll no século XIX – enquanto um recurso metafórico para abordar jornalisticamente dramas psicológicos de identidades trans. Para tal, propomos uma conversa entre esses campos através da série televisiva *Quem Sou Eu?*, produzida pela revista eletrônica *Fantástico*, entre janeiro e fevereiro de 2017, e transmitida pela Rede Globo no decorrer de quatro episódios<sup>5</sup>, com cerca de doze a quinze minutos de duração cada, e que narram a trajetória de indivíduos transgêneros. Os episódios foram

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [andressamachados97@gmail.com](mailto:andressamachados97@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora. Jornalista e doutora em Letras, é professora do PPGCOM/UFRGS e leciona nos cursos de Jornalismo e Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [golin.costa@ufrgs.br](mailto:golin.costa@ufrgs.br).

<sup>4</sup> O presente artigo é fruto de minha pesquisa para o trabalho de conclusão de curso, realizado em 2018.

<sup>5</sup> Todos os episódios da série de reportagens especiais *Quem Sou Eu?* estão disponíveis em: <http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/>. Acesso em: 26 de abr. 2019.

---

concebidos na tentativa de traçar cronologicamente as etapas da vida de uma pessoa trans: o primeiro trata da infância, apresentando quando as crianças manifestam não se identificar com o gênero que lhes é atribuído em decorrência do sexo biológico; o segundo trata da fase da puberdade, nos apresentando ao adolescente trans Bernardo; o terceiro se situa já na fase adulta, abordando a questão da cirurgia de redesignação de sexo; e, por fim, o quarto episódio retrata as relações afetivas dos transgêneros. Pontuamos, contudo, que o nosso maior interesse na série se dá pelo uso da personagem literária Alice, criada no século XIX pelo inglês Lewis Carroll, enquanto um recurso de aproximação com o telespectador e como aquela que, nas palavras da repórter, busca representar todas as pessoas trans que estão em busca de descobrir e entender quem elas são.

O que buscamos ao trabalhar com todos esses campos – jornalismo, literatura, representação, gênero e adaptação – é compreender como se dão as convergências entre essas áreas. Jornalismo e literatura são duas esferas muito próximas, cujo maior demarcador é a diferença entre realidade e ficção. Entretanto, essas características não inibem que ambos sejam trabalhados em conjunto, criando novos sentidos, especialmente dentro da vertente denominada jornalismo literário.

### **Conceituando e historicizando gênero e sexualidade**

Ao consultar teóricos e teóricas que debatem gênero e sexualidade, verifica-se que foi estabelecido pelo homem, ao longo da história, o sistema binário no qual existem apenas os conceitos pré-estabelecidos de homem e mulher, sendo que cada qual deve se atrair pelo sexo oposto, figurando uma espécie ordem natural. Jeffrey Weeks (2018) em *O corpo e a sexualidade* cita que os padrões de “famílias respeitáveis” emergiram no século XIX com a burguesia, como uma forma de se distanciar da “libertinagem” de outras classes sociais. Weeks pondera que foi a partir desse momento que se passou a reforçar papéis de gênero, ou seja, o que cabia aos homens e o que cabia às mulheres.

Foi durante o século XIX que também se cunhou os termos *heterossexual* e *homossexual*. Weeks (2018) afirma que o contexto de criação desses termos foi durante uma reforma sexual que, dentre outras coisas, buscava a revogação de leis antissodomitas. O objetivo de Karl Kertbeny, o escritor austro-húngaro que cunhou

---

esses termos, era o de retratar a homossexualidade como uma variante da sexualidade, porém de forma positiva. Contudo, os esforços de Kertbeny não geraram os resultados esperados, como elucidada Weeks (2018, p. 78):

A homossexualidade, em vez de descrever uma variante benigna da normalidade, como, originalmente, pretendia Kertbeny, tornou-se, nas mãos de sexólogos pioneiros como Krafft-Ebing, uma descrição médico-moral. A heterossexualidade, por outro lado, como um termo para descrever a norma até então pouco teorizada, passou, lentamente, a ser usada ao longo do século XX - mais lentamente, devemos notar, do que a palavra que era seu par.

Na mesma linha de Weeks, Louro (2004, p. 66) afirma que, “ao equacionar a natureza com a heterossexualidade, isto é, com o desejo pelo sexo/gênero oposto, passa-se a supô-lo como a forma compulsória de sexualidade”. Dentre os “desviantes” da norma podemos citar, além dos homossexuais, bissexuais<sup>6</sup>, transexuais<sup>7</sup>, travestis<sup>8</sup> e tantas outras pluralidades da sexualidade humana.

Stuart Hall (2016, p. 156), ao falar sobre sistemas simbólicos, afirma que “oposições binárias são cruciais para toda classificação porque é preciso estabelecer uma diferença clara entre as coisas a fim de classificá-las”. O autor continua fazendo referência a Mary Douglas, que “o que realmente perturba a ordem cultural é o aparecimento de coisas na categoria errada ou quando elas não cabem nas classes existentes” (HALL, 2016, p. 157). Hall acrescenta que a cultura também está relacionada às emoções, aos sentimentos e a um senso de pertencimento. O *pertencer* a algum grupo traz a sensação de não estar à revelia ou solitário, principalmente quando se está vinculado a minorias, como o caso de indivíduos trans. Contudo, como afirmado por Louro (2018), as pessoas possuem múltiplas identidades e podem estar inseridas em diversos grupos os quais, não necessariamente, compartilham das mesmas ideias. Uma mulher transgênera, por exemplo, compartilha não apenas das dificuldades e questões de mulheres cisgêneras<sup>9</sup>, mas também do que diz respeito às particularidades da comunidade LGBT. E esses “pertencimentos” vão se ampliando conforme são atribuídos outros recortes como: classe social, sexualidade, etnia, entre outros.

---

<sup>6</sup> Pessoa que sente atração por pessoas do sexo masculino e feminino;

<sup>7</sup> Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente da estabelecida socialmente para o seu sexo biológico;

<sup>8</sup> Pessoa que, independente da orientação sexual, assume características físicas e psicossociais atribuídas ao sexo oposto. Mas, ao contrário da pessoa transexual, aceita o seu sexo biológico.

<sup>9</sup> Denominação para aquele cuja identidade de gênero equivale ao seu corpo biológico. (Fonte: Cartilha de Direitos LGBT feita pela Assembleia Legislativa do RS em 2017).

---

Nesse sentido, *Quem Sou Eu?* pode ser enquadrado como uma tentativa da Rede Globo de dar visibilidade às questões que tangem a população transgênera, bem como a comunidade LGBT. Vale evidenciar, contudo, que mesmo sendo uma tentativa de elucidar as questões trans, a construção das reportagens continua recorrendo a estereótipos. Como indicado no artigo *Qual o papel da mídia na representação de corpos Trans?*, de Amorim et al. (2017), a série reproduz discursos estereotipados e polarizados. Um exemplo para ilustrar é que tanto a repórter (Renata Ceribelli) quanto os apresentadores do *Fantástico* (Poliana Abritta e Tadeu Schmidt) reforçam os padrões binários de gênero, como na frase de abertura do quadro proferida por Schmidt:

Gênero é o que identifica homens e mulheres. Ou seja, masculino e feminino. E transgêneros são aqueles que vão além do simples conceito de masculino e feminino'. Essa fala de Tadeu Smith não aprofunda para "além do simples conceito". Fica um espaço vago na conceptualização do termo transgênero. Além disso, em seu discurso, é evidente o posicionamento ideológico, baseado no binarismo: masculino e feminino (AMORIM et al., 2017, p. 6).

O propósito do emprego de Alice na série se dá, essencialmente, como uma figura que faça uma ponte entre o telespectador e um tema ainda considerado tabu; ela está lá para cumprir um papel metafórico. A releitura da heroína vitoriana, quando trabalhada juntamente ao jornalismo, adquire um viés pedagógico para além do potencial de recurso estético e poético da literatura: torna-se uma forma de instruir o telespectador.

As metáforas podem ser usadas no sentido de inovação semântica e renovação de potencialidades explicativas para os mais diversos campos - uma ferramenta que contribui para traduzir o mundo. O jornalismo recorre a este mecanismo com frequência como forma de ajudar o público a compreender questões que contenham uma complexidade maior, a produzir o sentimento de identificação e empatia. Tais características podem ser enquadradas para o uso de Alice na série.

No entanto, dentro da releitura feita pela série, a repórter Renata Ceribelli e os apresentadores Tadeu Schmidt e Poliana Abritta, continuam perpetuando binarismos por meio de seus discursos. Como apontado por Amorim et al. (2017), que se propôs a analisar a série sob uma perspectiva *queer*, não houve uma provocação, por parte de *Quem Sou Eu?*, de citar aqueles indivíduos transgêneros que não sentem a necessidade

---

de realizar modificações corporais, principalmente por compreenderem que ser homem ou mulher está muito além de uma questão biológica.

A visão de gênero concebida na dualidade homem-mulher faz parte de uma construção social ancorada na função reprodutiva e na concepção de papéis sociais para cada indivíduo. *Quem Sou Eu?* não consegue transpor os binarismos, demarcando ao longo dos episódios a oposição entre o “corpo do homem” e o “corpo da mulher”, como na fala destacada abaixo enquanto Renata Ceribelli conversa com Alessandra (quarto episódio):

Alessandra, é difícil olhar para você, ver assim uma mulher bonita e imaginar que onze anos atrás você tinha um corpo de homem, se vestia como homem, tinha um nome de homem. Que revolução foi essa que aconteceu na sua vida?<sup>10</sup>

A fala da repórter é carregada de preconceitos, uma vez que um indivíduo trans não necessariamente necessita passar por intervenções cirúrgicas ou hormonais para se considerar de acordo com o gênero que o representa. Como trazido por Adriana Piscitelli (2009, p.123), o termo *identidade de gênero* teria sido cunhado pelo psicanalista norte-americano Robert Stoller como uma forma de distinção entre natureza e cultura.

[...] quando nascemos somos classificados pelo nosso corpo, de acordo com os órgãos genitais, como menina ou menino. Mas as maneiras de ser homem ou mulher não derivam desses genitais, mas de aprendizados que são *culturais*, que variam segundo o momento histórico, o lugar, a classe social. (PISCITELLI, 2009, p.124)

Partindo de pré-concepções ancoradas em binarismos, a série acaba por contradizer a ideia inicial de fazer uso de Alice enquanto figura questionadora de identidade de gênero. O uso da heroína vitoriana no quadro fica, então, vinculado muito mais ao questionamento e julgamento de terceiros (como a Rainha de Copas) do que dela mesma. O papel desempenhado por Alice está muito mais para a *jornada* (descoberta, aceitação e tratamentos médicos) do que para a *introspecção* (ainda que as personagens relatem aspectos subjetivos, os elementos da trajetória se destacam mais).

Vale pontuar, todavia, apesar de o uso de Alice como uma estratégia de abarcar um tema ainda tão carente de destaque seja relevante, ainda mais dentro de uma

---

<sup>10</sup> Transcrição do trecho do quarto episódio da série, sobre relações afetivas, no tempo entre 02'05" a 02'22". Disponível em <http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/>. Acesso em: 26 de abr. 2019.

emissora hegemônica como a Rede Globo, é necessário refletir que a série faz uso de uma personagem da literatura clássica que é bastante “normativa”. Alice é uma menina cis, recorrentemente representada como branca (como na animação feita pela Disney na década de 1950), e tipicamente vitoriana. Ao longo de sua passagem pelo País das Maravilhas ela não é questionada acerca de seu gênero ou orientação sexual. Os questionamentos levantados estão muito mais relacionados ao processo de crescimento (físico, pois as oscilações de tamanho que Alice sofre podem ser interpretadas dessa forma) e maturação da criança do que esses outros aspectos. Vale notar também como há a carência de representação da comunidade trans em obras artísticas – por exemplo, na literatura. Logo, apesar de contraditório, não é surpresa que o jornalismo hegemônico, enquanto reforçador de padrões, recorra a uma personagem cisgênera para retratar metaforicamente indivíduos trans.

### **Contrapondo cenas e Alices: contextualizando as referências à obra carrolliana**

Na Alice de *Quem Sou Eu?*, o propósito ao revisitar uma das figuras literárias mais lidas e conhecidas é o de aproximar tanto o público que pouco ou nada sabe sobre a população trans, como também o de promover *identificação* por parte de quem está passando (ou já passou) pela descoberta da transgeneridade. Como afirmado por Culler (1999, p. 46) na obra *Teoria Literária*:

Promovendo identificação através das divisões de classe, gênero, raça, nação e idade, os livros podem promover um "sentimento de camaradagem" que desencoraja a luta; mas também podem produzir um senso agudo de injustiça que torna possíveis as lutas progressistas.

Segundo Golin (2002), em sua origem, Alice foi uma personagem desenvolvida justamente para se contrapor ao forte didatismo dos livros infantis da época. Além disso, é uma personagem rica em complexidade verbal. O que a série faz é reconstituir elementos que remetem à obra original de Carroll, como o nome da personagem e situações pelas quais Alice passa ao longo da jornada no País das Maravilhas. Nesse caso, especificamente, muda-se tanto a forma (o suporte original da obra é o livro e aqui é transposto para o audiovisual, a televisão) quanto o conteúdo (busca ser uma metáfora de cunho didático).

A série se apropria do modo *contar*, através da obra literária, e a reconfigura para o *mostrar*, por meio da animação que referencia à história de Alice. Geralmente

---

esse é o modelo que vemos com maior frequência em adaptações. É importante situar que, como apontado por Hutcheon (2013), o *contar* uma história ativa o imaginário subjetivo, já quando uma narrativa é transposta para o *mostrar* há uma percepção direta do que acontece na tela.

O modo performativo nos ensina que a linguagem não é a única forma de expressar o significado ou de relacionar histórias. As representações visuais e gestuais são ricas em associações complexas; a música oferece “equivalentes” auditivos para as emoções dos personagens, e, assim, provoca reações afetivas no público; o som, de modo geral, pode acentuar, reforçar, ou até mesmo contradizer os aspectos visuais e verbais. Por outro lado, entretanto, uma dramatização *mostrada* é incapaz de se aproximar do jogo verbal complicado da poesia *contada*, ou do entrelaçamento entre descrição, narração e explicação que a narrativa em prosa conquista com tanta facilidade (HUTCHEON, 2013, p. 48, grifos da autora).

Na Alice de *Quem Sou Eu?*, tentou-se reformular a personagem a partir de um viés questionador da identidade de gênero, no qual ela não apresenta características masculinas como tampouco femininas, uma figura não-binária<sup>11</sup>. Cada vez que é utilizado o recurso do paralelo com a história de Alice, entra uma animação em *stop motion*<sup>12</sup> - técnica em que os personagens/objetos são fotografados momento a momento e, quando colocados em continuidade, traz a sensação de movimento. Na animação, somos apresentados a uma Alice situada em um universo em que ela e tudo que a cerca são em tons de branco, com exceção do terceiro episódio, no qual ela encontra a Rainha de Copas em um cenário que faz uso da cor vermelha também.

A composição de cor é um dos elementos mais importantes em obras audiovisuais. Uma paleta de cores é capaz de transmitir emoções, criar “climas” e até mesmo ser utilizado como o fio condutor em uma obra cinematográfica.

Sem se cair num simbolismo elementar, é evidente que a cor pode ter um eminente valor psicológico e dramático. Parece portanto que a sua utilização, bem compreendida, pode não ser apenas uma *fotocópia* da realidade exterior, mas deverá preencher uma função *expressiva e metafórica*, tal como o preto e branco transpõe e dramatiza a luz. (MARTIN, 2005, p. 89, grifos do autor)

---

<sup>11</sup> Pessoas que não se identificam totalmente com o binário de gênero (homem/mulher) e se colocam em algum ponto fora deste. Engloba uma grande miríade de identidades trans. Fonte: Cartilha de direitos LGBT (2017), produzida pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

<sup>12</sup> As animações utilizadas ao longo de *Quem Sou Eu?* foram produzidas pelo estúdio de animação carioca *Campo 4*.

Em *Quem Sou Eu?*, assim como Alice, os demais personagens e os cenários criados em *stop motion*, tiveram como matéria prima o papel. Com o jogo de luz e sombra utilizado, os tons variam para branco-amarelado e também auxiliam a dar profundidade e contraste nas cenas, já que o uso de outras cores são raros. A percepção que podemos ter a partir dos tons monocromáticos presentes na série, é de que a cor branca - e suas gradações - melhor externaliza o caráter neutro da personagem. Por não estar representando especificamente um homem ou mulher trans, Alice dentro de um contexto onde há praticamente ausência de cor, permite que qualquer pessoa possa se identificar com sua imagem.

**Figura 1 - Bastidores da concepção de Alice em animação<sup>13</sup>**



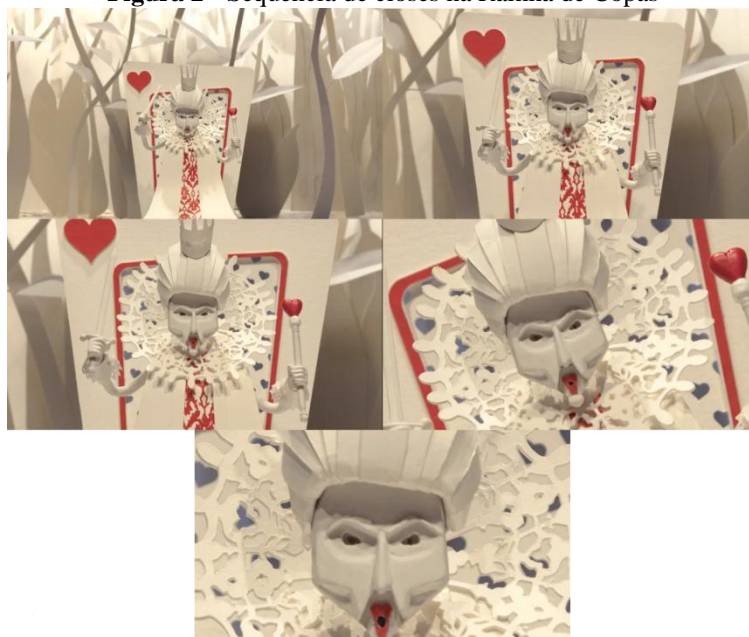
**Fonte:** Rede Globo/G1 (2017)

Vale dar uma atenção especial à cena com a Rainha de Copas no terceiro episódio. Além de ser a única personagem retratada com cores ao longo da série (as rosas no cenário também recebem coloração vermelha), ela contrasta o branco com vermelho. Essa cor é comumente utilizada no cinema para representar, dentre outras coisas, a guerra e a violência. Por conta do caráter autoritário, intolerante e violento da Rainha, o uso dessa tonalidade encaixa perfeitamente com sua personagem. Os enquadramentos dessa mesma cena também merecem destaque, pois enquanto a reportagem está mencionando casos de homicídios, a cada nova aparição da Rainha de Copas, a câmera fecha mais em seu rosto, evidenciando a raiva e o descontrole da mesma à medida que grita inúmeras vezes “cortem-lhe a cabeça!”.

<sup>13</sup> O vídeo de bastidores está disponível na página do G1 com o especial *Quem Sou Eu?* completo. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/>. Acesso em: 26 de abr. 2019.



**Figura 2** - Sequência de closes na Rainha de Copas



**Fonte:** Rede Globo/G1 (2017)

Ademais, analisaremos três inserções de Alice na reportagem com o objetivo de as contrapor com a obra literária. Os trechos selecionados são: o salão com inúmeras portas e a lagoa de lágrimas, ambos inseridos ao longo do primeiro episódio; e, por fim, a Rainha de Copas, no terceiro episódio.

### **Análise das inserções animadas de Alice**

A primeira cena que aqui trataremos está entre os minutos 09'15" e 09'31" do primeiro episódio. Nela vemos Alice em dúvida sobre em qual das inúmeras portas ela deve passar. Na obra literária, Alice, ao adentrar pela toca do coelho, cai em um poço. Findada a queda, a menina continua seguindo o Coelho Branco por um longo corredor, porém o animal some e Alice se vê diante de muitas portas.

Havia portas ao redor do salão inteiro, mas estavam todas trancadas; depois de percorrer todo um lado e voltar pelo outro, experimentando cada porta, caminhou desolada até o meio, pensando como haveria de sair dali.

De repente topou com uma mesinha de três pernas, feita de vidro maciço; sobre ela não havia nada, a não ser uma minúscula chave de ouro, e a primeira ideia de Alice foi que devia pertencer a uma das portas do salão; mas, que pena! ou as fechaduras eram grandes demais, ou a chave era pequena demais, de qualquer maneira não abria nenhuma delas. No entanto, na segunda rodada, deu com uma cortina baixa que não havia notado antes; atrás dela havia uma portinha de uns quarenta centímetros de altura: experimentou a chavezinha de ouro, que, para sua grande alegria, serviu! (CARROLL, 2010, p. 17).

O que podemos apreender da referência ao trecho em que Alice busca atravessar uma portinha para chegar a um belo jardim, na obra *Alice no País das Maravilhas*, é que a série a utiliza como uma metáfora: Melissa (criança trans cuja história é detalhada ao longo do primeiro episódio de *Quem Sou Eu?*) podia ignorar ou abafar seus sentimentos - enquanto uma menina trans - e tentar agir de acordo com seu sexo biológico, vivendo assim dentro das expectativas que a sociedade lhe impôs. Ou, como foi de fato a escolha de Melissa, ela poderia optar passar por certas dificuldades, porém com a certeza de que ela está vivendo de acordo com o que ela realmente é.

**Figura 3** - As portas de Melissa/Alice



**Fonte:** Rede Globo/G1 (2017)

A segunda cena que nos propomos a comparar com a obra original, a lagoa de lágrimas (10'55" a 11'18"), é o que vem a seguir quando Alice começa a buscar alternativas para atravessar a portinha. Na obra, a jovem volta à mesinha onde estava a chave dourada, esperançosa de que houvesse alguma outra chave à disposição ou “pelo menos um manual com regras para encolher pessoas como telescópios” (CARROLL, 2010, p. 18). Alice não encontra chave, porém na mesinha há uma garrafinha onde está escrito “beba-me”. Preocupada se poderia ser veneno, a criança busca no rótulo se há algum indicativo de que aquilo possa lhe fazer mal, mas ao ver que não, ingere todo o líquido. Logo ela começa a sentir mudanças:

“Que sensação estranha!” disse Alice; “devo estar encolhendo como um telescópio!”

E estava mesmo: agora só tinha vinte e cinco centímetros de altura e seu rosto se iluminou à ideia de que chegara ao tamanho certo para passar pela portinha e chegar àquele jardim encantador. Primeiro, no entanto, esperou alguns minutos para ver se ia encolher ainda mais: a ideia a deixou um pouco nervosa; “pois isso poderia acabar”, disse Alice consigo mesma, “me fazendo sumir completamente, como uma vela. Nesse caso, como eu seria?” E tentou imaginar como é a chama de uma vela depois que a vela se apaga, pois não conseguia se lembrar de jamais ter visto tal coisa.

Um pouco depois, descobrindo que nada mais acontecera, decidiu ir imediatamente para o jardim; mas, ai da pobre Alice! quando chegou à porta, viu que tinha esquecido a chavezinha de ouro e, quando voltou à mesa para pegá-la, constatou que não conseguia alcançá-la: podia

vê-la muito bem através do vidro, e fez o que pôde para tentar subir por uma das pernas da mesa, mas era escorregadia demais; tendo se cansado de tentar, a pobre criaturinha sentou no chão e chorou (CARROLL, 2010, p. 20).

Assim como na obra de Carroll, em suas tentativas de passar pela porta minúscula, Alice passa por oscilações físicas: primeiramente a menina encolhe, ficando em um tamanho perfeito para atravessar a porta. Porém, ela esquece a chave em cima de uma mesa e, nisso, ela come um bolo na esperança de crescer e, assim, conseguir a chave. Ao crescer muito e estar totalmente impossibilitada de atravessar a portinha, Alice começa a questionar sua identidade interna. Ela se pergunta se teria sido trocada por outra criança, pois o que ela está vivendo naquele dia é muito diferente ao que se passa na sua rotina.

“(…) Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar: eu *era* a mesma quando me levantei esta manhã? Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: ‘Afim de contas que sou eu?’ Ah, *este* é o grande enigma!” E começou a pensar em todas as crianças da sua idade que conhecia, para ver se poderia ter sido trocada por alguma delas (CARROLL, 2010, p. 25).

A menina então, na tentativa de provar que ela ainda é *ela mesma*, começa a se comparar com outras crianças de sua idade. No desenrolar a personagem entra em uma crise identitária e começa a chorar, criando uma lagoa de lágrimas. Todavia, o choro em demasia de Alice foi o responsável por tirá-la daquele salão repleto de portas.

Vale pontuar, contudo, que apesar de Alice questionar e ser questionada quanto à sua identidade, em momento algum seu gênero é posto em dúvida. A menina é um retrato da típica menina vitoriana. A principal intenção de Carroll ao criar o mundo nonsense das aventuras alicianas foi pôr em xeque costumes e convenções da sociedade inglesa da época.

**Figura 4 - A lagoa de lágrimas**



**Fonte:** Rede Globo/G1 (2017)

No que concerne *Quem Sou Eu?*, o paralelo com a obra literária é para indicar que Melissa também vai passar por inúmeras mudanças físicas quando iniciar o tratamento hormonal. Como ainda é uma criança, ela só poderá iniciar o uso da medicação quando estiver na faixa dos 16 anos. Até lá, será administrado um inibidor hormonal para que ela não desenvolva a puberdade masculina.

Por fim, a última cena que analisaremos, é quando a Rainha de Copas entra em cena - entre 03'22" e 04'18" do terceiro episódio. Para se aproximar da questão da violência contra a população trans, a reportagem mergulha novamente no universo de Alice, dessa vez no momento em que a menina está no reino da Rainha de Copas. A intenção é fazer referência ao trecho em que a obra literária destaca o autoritarismo da Rainha. A monarca é irredutível ao ordenar que todas as rosas precisam ser vermelhas - mesmo as que nascem brancas têm de ser tingidas -, instaurando um regime de medo a todos os seus empregados e súditos.

“Poderiam me dizer”, perguntou Alice, um pouco tímida, “por que estão pintando essas rosas?”

O Cinco e o Sete nada responderam, mas olharam para o Dois. Este começou, falando baixo: “Ora, o fato, Senhorita, é que aqui devia ter sido plantada uma roseira de rosas *vermelhas*, e plantamos uma de rosas brancas por engano; se a Rainha descobrir, todos nós teremos nossas cabeças cortadas. Assim, Senhorita, estamos nos virando como podemos, antes que ela chegue, para...” Nesse momento, o Cinco, que estivera olhando aflito pelo jardim, exclamou: “A Rainha! A Rainha!” e imediatamente os três jardineiros se jogaram de bruços no chão. Ouvia-se o som de muitos passos, e Alice olhou em volta, ansiosa por ver a Rainha (CARROLL, 2010, p. 93).

**Figura 5** - Alice no reino da Rainha de Copas e dados sobre violência



**Fonte:** Rede Globo/G1 (2017)

Este momento da série também difere dos demais por ser o único trecho em que uma das personagens da animação - a Rainha de Copas - fala. Além disso, as cenas com

---

a Rainha gritando “cortem-lhe a cabeça” são intercaladas com dados sobre a violência contra a população T<sup>14</sup> no Brasil, criando a composição com os maiores momentos de tensão da série<sup>15</sup>.

### Considerações finais

Este trabalho foi pautado, sobretudo, na busca por compreender como se deu o entrelaçamento entre jornalismo, literatura e adaptação, resultando no uso da personagem literária Alice como uma metáfora para trabalhar questões de gênero ao longo da série *Quem Sou Eu?*, produzida pela revista eletrônica *Fantástico* entre janeiro e fevereiro de 2017. Ao reconfigurar a obra nonsense de Carroll para um super realismo (o jornalismo), a série de reportagens especiais tenta ancorar a identidade de Alice como a de alguém que questiona sua identidade de gênero.

No que concerne à análise, destrinchamos diversos elementos dos episódios com o intuito de contrapor com a obra de referência, de Lewis Carroll, mas também para compreender como esses componentes contribuem na elaboração da Alice reimaginada em *Quem Sou Eu?*. Primeiramente, nos propusemos a contrastar as cenas evocadas com a personagem literária e refletir sobre as alterações de sentido entre uma e outra. Relembrando que a obra carrolliana é situada em um universo de contrassenso, no qual Alice dialoga e atua com personagens que a deixam, por vezes, desatinada. Pontuamos também que a heroína vitoriana questiona - e é questionada - acerca de sua identidade, porém muito mais vinculado ao processo de uma criança que busca entender o que a cerca. Por outro lado, *Quem Sou Eu?* focaliza as questões existenciais para um viés de identidade de gênero, fazendo um paralelo com as oscilações físicas que Alice sofre ao longo de suas aventuras como equivalentes às mudanças que uma pessoa trans passa durante o tratamento hormonal e demais intervenções.

O jornalismo, por conta de seu caráter informativo, em diversas situações precisa recorrer a formas que melhor contemplem determinados assuntos mais delicados e difíceis de serem abordados, como é o caso daqueles referentes à comunidade LGBT,

---

<sup>14</sup> Transexuais e travestis.

<sup>15</sup> A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) estima que no ano de 2017, a cada 48h uma pessoa trans foi assassinada no Brasil. Nesse mesmo levantamento, a Antra indicou que a média de idade das vítimas era de 27,7 anos, idade ainda abaixo da estimativa de vida da população T - 35 anos. Fonte: <https://economia.estadao.com.br/blogs/ecoando/transgenero-transsexual-travesti-os-desafios-para-ainclusao-do-grupo-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

---

especialmente à população “T”. Logo, o uso de figuras de linguagem, como a metáfora, se torna grande aliado dos jornalistas ao longo da tarefa de narrar histórias.

A apropriação de Alice enquanto elemento metafórico desempenha a função de contextualizar a busca por compreender a própria identidade de gênero. Se formos retomar alguns conceitos trabalhados no tópico sobre metáfora, veremos que o uso da personagem literária em *Quem Sou Eu?* está lá para dar visibilidade a determinados grupos sociais, pois está na qualidade de metáfora narrativa. Porém, ao mesmo tempo em que a série evidencia a comunidade trans, o discurso reproduzido pelos interlocutores (a repórter e os apresentadores, por exemplo) perpetua binarismos e estereótipos. Além disso, reforça o que já abordamos anteriormente: o uso metafórico de uma personagem cisgênera para representar a comunidade T aponta tanto para uma falta de personagens transgênero na cultura popular quanto para uma falta de interesse por parte do jornalismo em encontrar personagens trans em outros regimes de ficcionalidade que não o hegemônico.

A reafirmação de corpos que precisam estar enquadrados em “homem” ou “mulher” é constante ao longo dos episódios. Retomando Stuart Hall (2016), as oposições binárias são o “norte” utilizado para fazer classificações, desde emoções, objetos até pessoas. De acordo com o autor, quando não conseguimos inserir alguém dentro de determinada convenção, essa pessoa perturba a ordem dita “natural” e, a partir disso, surgem exclusões culturais, étnicas, sociais e sexuais que podem evoluir para crimes violentos.

Alice salta de narrativa em narrativa, ora remontando à obra de Carroll, ora imergindo no enredo para pautar as temáticas trans. Reconhecemos a importância de uma emissora hegemônica, como a Rede Globo, tocar em assuntos que a heteronormatividade tenta ocultar. Alice, ao desempenhar uma função questionadora ao longo da série, contribui para pautar as temáticas LGBT dentro de uma mídia de massa, ainda que com ressalvas: como apontado ao longo do artigo, a série reforça binarismos e papéis de gênero, sempre fortemente ancorada na oposição masculino-feminino.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, André et al. Qual o papel da mídia na representação dos corpos Trans? In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2017, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Intercom Nordeste, 2017. p. 1 - 12.

---

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá.** Tradução de Maria Luiza Xavier de Almeida. Ilustrações originais de John Tenniel. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 317 p.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária:** uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999. 140 p.

ESTADÃO. **Transgênero, transexual, travesti: os desafios para a inclusão do grupo no mercado de trabalho.** 2017. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/blogs/ecoando/transgenero-transexual-travesti-os-desafios-para-a-inclusao-do-grupo-no-mercado-de-trabalho/>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

FANTÁSTICO. **Quem Sou Eu?** 2017. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

GOLIN, Cida. **A identidade da Alice de Lewis Carroll.** In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann (Org.). **Literatura infanto-juvenil: Leitura e Crítica.** Goiânia: UFG, 2002. 190 p. Coleção Hórus.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2016. 260 p.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação.** Tradução: André Cechinel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. 280p.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 96 p.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica.** Lisboa: Dinalivro, 2005.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito.** In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (org.). **Diferenças, igualdade.** São Paulo; Berlendis & Vertecchia Editores, 2009. pp. 116-149.

RS, Assembleia Legislativa do Rs Assembleia Legislativa do. **Combater a violência e garantir direitos para população LGBT.** 2017. Disponível em: <[http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp\\_m505/ccdh/Cartilha%20Direitos%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20LGBT.pdf](http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/ccdh/Cartilha%20Direitos%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20LGBT.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SILVA, Andressa Thielly Machado Silveira da. **Apropriação da personagem literária “Alice”, de Lewis Carroll, na série televisiva “Quem sou eu?”.** 2018. 74 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/190069#>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade.** In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, pp. 43-104.